

## Prevalência de *bullying* no contexto escolar: um estudo com escolares em um município do Rio de Janeiro

Prevalence of bullying in school context: a study with school children in a city of Rio de Janeiro

Prevalencia del bullying en el contexto escolar: un estudio con escolares de una ciudad del Rio de Janeiro

Recebido: 22/04/2022 | Revisado: 30/04/2022 | Aceito: 08/05/2022 | Publicado: 14/05/2022

### Renata Ferreira Harth

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6955-8331>  
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil  
E-mail: [renataharth25@gmail.com](mailto:renataharth25@gmail.com)

### Larissa Maria David Gabardo Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1356-8087>  
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil  
E-mail: [laragabardo@yahoo.com.br](mailto:laragabardo@yahoo.com.br)

### Rebeca Fernandes Ferreira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3143-4026>  
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil  
E-mail: [rebecafflima@gmail.com](mailto:rebecafflima@gmail.com)

### Maria Angela Mattar Yunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4653-3895>  
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil  
E-mail: [mamyunes@gmail.com](mailto:mamyunes@gmail.com)

### Resumo

O *bullying* é fenômeno multidimensional que ocorre no universo escolar e caracteriza-se por ações violentas repetitivas e desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Para refletir sobre essa temática, este estudo teve como objetivo investigar a prevalência do *bullying* em expressões e características do papel de vítima, papel de agressor e em práticas de violência física, comparando os seguintes grupos: estudantes de ambos os sexos, de diferentes idades (grupo I: 9,10 e 11 anos; grupo II: 12, 13 e 14 anos) e tipos de escola (i.e., pública e privada). A amostra foi composta por 325 alunos, sendo meninas (54,2%) e meninos (45,5%), oriundos de escolas públicas (83,4%) e privadas (16,6%), de um município do estado do Rio de Janeiro. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi Escala de *Bullying* de Illinois. Os resultados evidenciaram que os meninos estão mais frequentemente no papel de agressor, bem como são os que mais praticam violência física. Além disso, o grupo etário II se revela no papel de agressor com maior prevalência. Em relação aos tipos de escolas, as três expressões de práticas de *bullying* são mais frequentes em escolas públicas. Salienta-se a necessidade de ações sociais e educativas focadas na prevenção de comunicação violenta e a promoção da convivência escolar saudável e equilibrada em favor do desenvolvimento integral de toda comunidade escolar.

**Palavras-chave:** *Bullying*; Contexto escolar; Prevalência; Violência escolar.

### Abstract

Bullying is a multidimensional phenomenon that happens in the school environment and is characterized by repetitive violent actions and power imbalance between aggressor and victim. To reflect upon this topic, this study aimed to investigate the prevalence of bullying in the expressions of the role of victim, role of aggressor and in practices of physical violence. The following groups were compared: boys and girls of different ages (group I: 9, 10 and years old; group II: 12, 13 and 14 years old) and types of school (i.e., public and private). The sample consisted of 325 students: 54,2% were girls and 45,5% were boys from public (83,4%) and private (16,6%) schools from a city in Rio de Janeiro. The instrument used for data collection was the Illinois Bullying Scale. The results showed that boys are more often in the role of aggressors, as they are the ones who practice physical violence more often. In addition, age group II was more frequently in the role of aggressors. Regarding the type of school, the three expressions of bullying practices are more detected in public schools. We emphasize the need for socio-educational actions to prevent violent communication and promote healthy and balanced school relationships which can be protective for the positive development of the entire school community.

**Keywords:** Bullying; School context; Prevalence; School violence.

## Resumen

El *bullying* es un fenómeno multidimensional que se presenta em el universo escolar y se caracteriza por acciones violentas repetitivas y desequilibrio de poder entre agresor y víctima. Para reflexionar sobre este tema, este estudio tuvo como objetivo investigar la prevalencia del *bullying* en expresiones y caracteriza del rol de víctima, rol de agresor y em prácticas de violencia física, comparando los siguientes grupos: estudiantes de ambos sexos, de diferentes edades (grupo I: 9, 10 y años; grupo II: 12, 13 Y 14 años) y tipos de colegios (es decir, público y privado). La muestra estuvo compuesta por 325 alumnos, de los cuales eran niñas (54,2%) y niños (45,5%), de escuelas públicas (83,4%) y privadas (16,6%) de un municipio del estado de Rio de Janeiro. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue la Escala de *Bullying* de Illinois. Los resultados mostraron que los niños son más a menudo em el papel de agresores, ya que son los que muestran practicar la violencia física, Además, el grupo de edad se revela em rol de agresor con mayor prevalencia. Em cuanto, a los tipos de escuela, las tres expresiones de prácticas de acoso escolar son más frecuentes em las escuelas públicas. Resaltamos la necesidad de acciones socioeducativas encaminadas a prevenir actos agresivos y promover la sana y equilibrada convivencia escolar em pro del desarrollo integral de toda la comunidad escolar.

**Palabras clave:** *Bullying*; Contexto escolar; Prevalencia; La violencia escolar.

## 1. Introdução

Na maioria das culturas é consenso que o ambiente escolar é um dos primeiros contextos de promoção do desenvolvimento social na vida de crianças e adolescentes. Isso permite afirmar a relevância do papel de proteção que a escola deve desempenhar na construção dos relacionamentos com pares e adultos significativos. Não é de hoje que se afirma que promover educação escolar vai além de propagar conhecimentos formais e estimular processos de ensino-aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens (Lahr & Tognetta, 2021). O ambiente escolar pode ser classificado em três esferas, a saber, física, social e acadêmica. A dimensão física é o que se relaciona com a estrutura e os recursos que a escola disponibiliza para os seus alunos; o aspecto social é aquele voltado para as relações interpessoais entre os alunos com os professores e funcionários da escola; e, por último, o aspecto acadêmico, foca na construção de aptidões via instrução e o acompanhamento do progresso do aluno (Louka, 2007; França, 2010; Ahmed et al, 2021).

Entretanto, um fenômeno multidimensional que atravessa todas as dimensões e ocorre no universo escolar vem preocupando educadores e pesquisadores: é o *bullying* que se caracteriza sumamente por ações e expressões de violência. O *bullying* se diferencia de outras formas de violência por afetar os relacionamentos entre os pares e ser frequente em ambientes educativos. Ocorre de maneira intencional, com agressões repetitivas e em condição de desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima (Olweus, 2013; Thomas et al., 2017).

As manifestações de agressões no *bullying* podem ser expressas de diferentes maneiras. Na forma física, observam-se tapas, socos, empurrões; na forma verbal, xingamentos, fofocas, exclusão da criança em brincadeiras, conversas ou até mesmo do grupo entre eles; e, na forma virtual, o *cyberbullying*, que é o *bullying* tradicional, mas na modalidade *online* (Smith & Slonje, 2010; Ngo et al, 2021). Desde os primeiros estudos sobre o tema, os estudantes envolvidos em *bullying* desempenham diferentes papéis, como: as vítimas (ou alvo) são os indivíduos que sofrem o *bullying*; os agressores (ou autores) são aqueles que praticam o *bullying*; os agressores-vítima são aqueles que sofrem e praticam o *bullying*; e os observadores, conhecidos também como espectadores ou testemunhas (Espino et al, 2022; Olweus, 1993).

Os primeiros estudos sobre o *bullying* no Brasil surgiram há pouco mais de quinze anos e os resultados dos estudos de Lopes (2005) e Fante (2005) tiveram como objetivo alertar o aumento da prevalência da prática do *bullying* entre os estudantes. As pesquisas demonstravam o aumento em proporção da repercussão da problemática nas escolas do país. No entanto, em âmbito governamental, foi apenas em 2015 que criou-se a lei nº13.185, que instituiu o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (*Bullying*), que tem como objetivo prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade (Brasil, 2015). Apesar da existência desse mecanismo de regulação e de promoção de políticas públicas de prevenção ao *bullying* no Brasil, pouco se avançou em propostas de intervenção (Fernandes, Dell’Aglío & Yunes, no prelo).

Diversos estudos têm investigado as práticas de *bullying* entre meninos e meninas de culturas distintas. Por exemplo,

um estudo realizado no Reino Unido evidenciou que os meninos praticam o *bullying* tanto com outros meninos como também com as meninas (Boulton & Underwood, 1992). Outra pesquisa recente realizada na Itália teve como objetivo investigar as diferenças de gênero entre os escolares e o *bullying*. Os resultados evidenciaram que os meninos apresentaram maior prevalência no papel de agressores e com práticas de violências físicas (26%) do que as meninas (9%) nessa mesma condição (Baldry & Farrington, 2017). Outro estudo de Silva et al. (2016) realizado em Bauru, São Paulo, demonstrou que 27% dos participantes afirmaram que envolveram-se em práticas de *bullying*. Os autores alegam que a forma mais prevalente foi de agressões verbais sofridas por 92% das meninas e 84% dos meninos. Entre os gêneros, verificou-se que as meninas sofreram mais agressão sexual do que os meninos. Além disso, as meninas são as vítimas mais agredidas por meninos do que por meninas.

Os dados do relatório da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar PeNSE (2019), cujo objetivo é monitorar os fatores de risco e proteção da saúde do escolar em todo território brasileiro, revelou o percentual mais elevado de vitimização de *bullying* em meninas (26,5%). Nesse mesmo documento, os meninos apresentaram o percentual de 19,5%. Em relação às causas mais frequentes do *bullying*, foram identificadas a aparência do corpo (16,5%), aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%). Quando se refere ao papel do agressor, os índices demonstram que 14,6% são meninos em oposição a 9,5% das meninas. Também foi observado que a frequência da prática do *bullying* ocorre mais entre os alunos de escolas privadas (13,5%) quando comparados aos das escolas públicas (11,8%). Em contraste, outro estudo (Alves, 2016) identificou uma prevalência 53% maior para envolvimento com o *bullying* em estudantes de escolas públicas. Essas diferenças mostram que o *bullying* ocorre nos mais variados contextos escolares, que pode ser influenciado por diferenças socioeconômicas e, em agravo, para estudantes com oportunidades reduzidas.

Outro estudo realizado com 348 escolares com idade de 10 a 17 anos em uma escola municipal da rede pública na Bahia demonstrou que 63% dos estudantes estão envolvidos frequentemente com o *bullying*, seja como vítima ou como agressor (Nova, Sana & Oliveira, 2015). Esse dado impressiona quando se repercute as nocivas consequências que podem advir em um contexto escolar que se propõe a acolher e cuidar. Quando o foco das considerações acerca da ocorrência do *bullying* é a questão da idade, os pesquisadores demonstram que o fenômeno atinge os níveis mais altos entre as idades de 12-15 anos e vai diminuindo ao longo dos anos (Elbedour et al, 2020; Hymel & Swearer, 2015; Ševčíková & Šmahel, 2015).

Atualmente, com a propagação da pandemia da Covid-19, aconteceram mudanças nas áreas educacionais e sociais em relação aos alunos do mundo todo. Segundo o resultado do estudo de Vaillancourt et al. (2021), foi evidenciado que houve uma diminuição na prevalência do *bullying* durante a pandemia, pois as mudanças referentes ao novo planejamento educativo das escolas afetou as interações sociais e também as suas experiências com o *bullying* (Oliveira, 2020).

Phelps e Sperry (2020) indicam que a Organização das Nações Unidas computou o fechamento das escolas em 138 países, o que atingiu a vida de 80% das crianças em todo mundo. Esse fator pode em alguma medida ter contribuído para a diminuição da prevalência do *bullying* tradicional (e.g., físico e verbal) durante a pandemia. Como esperado, foi constatado um aumento significativo do uso da internet no contexto pandêmico, pois as pessoas utilizaram-se das plataformas virtuais para a comunicação com amigos, familiares e também como ferramenta de estudo e trabalho. Esse novo cenário fez surgir mudanças cibernéticas e relacionais que provocam *cyberbullying* e um aumento em cerca de 30% dessas práticas de violência virtual no mundo (Almeida et al., 2020; Morgado et al., 2020). Com isso, os alunos de escolas públicas podem estar ainda mais vulneráveis. De acordo com a PeNSE (2019), os alunos de escolas públicas foram mais ofendidos nas redes sociais (13,5%) do que os de escolas privadas (11,8%).

Diante dos crescentes desafios envolvendo a ocorrência desse fenômeno, existe uma necessidade de investimento no Brasil em relação a planejamentos intersetoriais para contribuir no enfrentamento da violência escolar, em específico do *bullying* e, em consequência, caminhar para a promoção de saúde (Oliboni et al., 2019). Para o combate do *bullying* e dos prejuízos

ocasionados por esse tipo de violência, os programas de prevenção têm caminhado e avançado em escolas do mundo inteiro, mas ainda muito pouco no Brasil (Fernandes, 2021).

Para o planejamento seguro de intervenções há que se possa ter dados concretos e estatísticos confiáveis acerca de frequências e dimensões da ocorrência de *bullying* nas escolas brasileiras (Fernandes, Dell'Áglio & Yunes, no prelo). No entanto, não foram encontrados estudos nacionais que investiguem a prevalência do *bullying* no contexto escolar abordando as dimensões de papel de vítima, papel de agressor e práticas de violência física. Mesmo no cenário internacional, a pesquisa de revisão bibliográfica encontrou apenas um estudo realizado no Paquistão que abordou essas dimensões (Shujja & Atta, 2014). Outro estudo foi encontrado no Chile (Varela et al., 2019), porém, este investigou apenas a dimensão do papel de vítima. Na expectativa de suprir essa importante lacuna, este estudo teve como objetivo geral investigar a prevalência de *bullying* em expressões características do papel de vítima, papel de agressor e em práticas de violência física entre escolares de diferentes grupos etários (grupo 1: 9,10 e 11 anos; grupo 2: 12, 13 e 14 anos) e gênero matriculados em escolas públicas e privadas de um município do estado do Rio de Janeiro. Especificamente, buscou-se caracterizar os estudantes no que se refere às variáveis sociodemográficas (faixa etária, sexo e tipo de escola: pública ou privada); identificar a prevalência e os tipos de *bullying* (papel de vítima, papel do agressor e práticas de violência física) experienciados pelos estudantes; e, comparar a prevalência de *bullying* nas três dimensões por grupos de estudantes com diferentes características sociodemográficas. A hipótese 1 prevê que as meninas são mais vítimas das práticas do *bullying* do que os meninos. A Hipótese 2 prevê que existe maior prevalência do *bullying* em escolas públicas. E a Hipótese 3 prevê a prática de *bullying* em todos os papéis em alunos mais velhos.

## 2. Método

Este estudo está inserido no projeto internacional intitulado “Mundos das Crianças” (*Children's Worlds the International Survey of Children's Well-Being*; ver [www.isciweb.org](http://www.isciweb.org)). Trata-se de uma investigação sobre o bem-estar subjetivo infantil, direito das crianças e satisfação com seus contextos de vida. O projeto situa-se na 3ª onda de coleta, realizada com crianças da faixa etária de 8 a 12 anos. No Brasil, os questionários foram coletados no período de março a setembro de 2019 em escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental das seguintes capitais: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro - onde a primeira autora participou ativamente da coleta de dados, em período anterior à pandemia. O questionário completo buscou investigar as dimensões do bem-estar, itens sobre a vida das crianças (ver Moreira et al., 2022) e prática do *bullying* no contexto escolar.

### 2.1 Participantes

A amostra analítica deste estudo foi composta por 325 alunos, sendo 135 do 5º ano do ensino fundamental (idade média de 10 anos) e 190 do 7º ano do ensino fundamental (idade média de 12 anos). Do total, 148 (45,5%) eram meninos e 177 (54,2%) eram meninas, provenientes de escolas públicas ( $N = 271$ ; 83,4%) e privadas ( $N = 54$ ; 16,6%) localizadas no estado do Rio de Janeiro, no município de São Gonçalo.

### 2.2 Instrumento

**Illinois Bullying Scale.** A *Illinois Bullying Scale* (Espelage & Holt, 2001) é um instrumento que investiga a prática do *bullying* entre crianças e adolescentes, com o intuito de aprofundar a avaliação do relacionamento das crianças com seus pares e pode indicar a prática de violência em diferentes âmbitos. Ela é composta por três dimensões (papel de vítima, violência física e papel de agressor), contando com o total de 18 itens. Os participantes responderam em uma escala do tipo Likert de 4 pontos (0 - nunca a 3 - quase sempre). O papel de vítima é formado por 4 itens, por exemplo: “outros estudantes me incomodaram e me

irritaram”. Neste estudo, a escala teve alpha de *Cronbach* = 0,80. A dimensão *bullying* violência física é composta por 5 itens, tal como, “me envolvi em uma briga com agressões físicas em momentos que estava bravo (a)”. Neste estudo, a escala apresentou alpha de *Cronbach* = 0,75. O papel do agressor é formado por 9 itens, tendo como exemplo o seguinte item: “incomodei outros estudantes”. Neste estudo, a escala apresentou alpha de *Cronbach* = 0,79.

### 2.3 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados aconteceu no segundo semestre de 2019. As escolas públicas e privadas foram eleitas por conveniência. Inicialmente foi disponibilizado uma lista das escolas pela Secretaria de Educação, tendo como critérios de inclusão: pertencerem ao município estudado, oferecerem ensino fundamental completo e concordarem com a participação na pesquisa. O primeiro contato com as escolas ocorreu por telefone para informar sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e pedir permissão para a coleta de dados. Após essa etapa, foi marcada uma visita nas escolas para assinatura do termo de concordância institucional e aplicação dos questionários. Foram aplicados questionários para os estudantes cursando o Ensino Fundamental I ( 5º e 7º anos).

Para o preenchimento dos questionários foram realizadas orientações em relação às respostas serem individuais, além da garantia do sigilo e demais aspectos éticos, como ter a liberdade de interromper a participação na pesquisa a qualquer momento. A aplicação dos questionários ocorreu nas salas de aula com a ajuda de bolsistas voluntárias previamente treinadas e teve duração média de 50 minutos.

### 2.4 Procedimento de análise de dados

Para a realização das análises foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences* – SPSS (versão 23). Para caracterização da amostra, foram conduzidas análises estatísticas descritivas (médias, desvios-padrão, frequências e porcentagens). Além disso, foi testada a relação entre as variáveis por meio da Correlação de Pearson. Por fim, para verificar as diferenças entre os grupos testados, utilizou-se o teste t Student para amostras independentes. Foram considerados resultados estatisticamente significativos para valores de  $p < 0,05$ .

### 2.5 Procedimentos éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia/UFRGS, conforme a resolução Resolução no 466/12 e da Resolução no 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Anexo E, CAAE: 00674612.6.0000.5334). Foi realizado contato com as escolas e uma visita com o intuito de realizar o convite para a participação na pesquisa. Mediante a confirmação, foi assinado pelas respectivas direções das escolas o Termo de Concordância Livre e Esclarecido da Instituição. Em seguida, os alunos foram convidados a participar da pesquisa e receberam o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foram assinados pelos estudantes e pelos pais ou responsáveis, respectivamente, em duas vias. Uma das vias de cada documento foi entregue aos pesquisadores com a assinatura de um responsável e do próprio aluno, enquanto a outra via ficou em posse dos participantes.

## 3. Resultados

Os resultados serão apresentados em tópicos de acordo com os diferentes objetivos da análise dos dados. Inicialmente, será realizada a apresentação dos resultados das análises descritivas das porcentagens de itens da escala de *bullying*. Em seguida, serão apresentadas as médias e desvios-padrão de todas as variáveis investigadas. Após, seguir-se-ão os resultados das análises de teste t e análise comparativa entre as variáveis.

### 3.1 Descrição da prevalência de bullying no papel de vítima, prática de violência física e no papel do agressor

As análises descritivas de porcentagem de cada item das escalas de *bullying* foram descritas nas Tabelas 1 (*bullying* no papel de vítima), 2 (*bullying* no papel de agressor) e 3 (dimensão de prática de violência física).

Conforme mostra a Tabela 1, o somatório da frequência de “algumas vezes e quase sempre” resulta que 55,3% dos participantes responderam que outros estudantes “riram deles ou delas”. Separadamente a ocorrência de “quase sempre” foi para 14,4% dos estudantes. Nessa mesma lógica, a somatória revela outra importante prevalência de *bullying* no papel de vítima para um total de 51,6% dos respondentes que relataram “ter sido incomodados e irritados por outros estudantes”, sendo que dentre estes, 17,5% afirmaram que isso ocorreu “quase sempre”. De forma menos frequente, mas ainda no papel de vítimas de *bullying* um total de 36,7% dos participantes relataram que foram chamados por “apelidos maldosos”, dentre os quais 13,1% afirmaram que isso ocorreu “quase sempre”. Por fim, um menor número total de 27% dos participantes responderam que “foram agredidos e empurrados por outros estudantes”, dentre os quais 6,4% relataram que isso ocorreu “quase sempre”.

**Tabela 1.** Porcentagens por item da variável papel de vítima.

Itens		Nunca	Algumas vezes	Quase Sempre
		(%)	(%)	(%)
1	Fui agredido e empurrado por outros estudantes	73,0	20,6	6,4
2	Outros estudantes me chamaram por apelidos maldosos.	63,3	23,6	13,1
3	Outros estudantes me incomodaram e me irritaram	48,4	34,1	17,5
4	Outros estudantes riram de mim	44,7	40,9	14,4

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 2 apresenta o *bullying* na dimensão de práticas de violência física, e observou-se que um total de 42,8% das agressões físicas ocorrem quando “alguém agride primeiro”, ou seja, a vítima é agredida fisicamente e em seguida assume o papel de agressor, reproduzindo o comportamento agressivo do qual foi anteriormente vítima. Este evento ocorre “quase sempre” para 11,4% dos estudantes. Além disso, 21,1% dos estudantes informaram que “já se envolveram em brigas com agressões físicas” e 15,4% já se “envolveram em agressões físicas em momentos que estava bravo(a).” sendo eventos que ocorrem “quase sempre” para 0,9% e 3,5, respectivamente. Seguindo de 18% dos estudantes que afirmaram que brigaram com outros que podem vencer com facilidade, com ocorrência de “quase sempre” para 5% dos participantes. Por fim, 13,6% dos participantes responderam que “já ameaçaram, agrediram e machucaram outros estudantes”, ocorrendo “quase sempre” para 0,6% dos estudantes.

**Tabela 2.** Porcentagens por Item da Variável Bullying: Prática de Violência Física.

Itens		Nunca	Algumas vezes	Quase Sempre
		(%)	(%)	(%)
1	Me envolvi em uma briga com agressões físicas	79	20,2	0,9
2	Me envolvi em uma briga com agressões físicas em momentos em que estava bravo	85	11,9	3,5
3	Ameacei, agredi ou machuquei outros estudantes	86,4	13	0,6
4	Revidei uma agressão física quando alguém me agrediu primeiro.	57	31,4	11,4
5	Briguei com um estudante que posso vencer com facilidade	82	13	5,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Na dimensão do *bullying* no papel do agressor (Tabela 3), observou-se que o somatório de 48,9% dos participantes revelam que “incomodaram outros estudantes”, sendo um evento que ocorre “quase sempre” para 5,3% dos participantes. Esse dado é seguido por um total de 40,2% % dos participantes que afirmaram “ter sido agressivo com outros estudantes em momentos que estavam bravos(as)”, ocorrendo “quase sempre” para 6,9% dos participantes. A soma de 35,3% afirmou “incomodar e irritar outros estudantes apenas por diversão”, dos quais indicaram ocorrer “quase sempre” apenas 6,8% dos participantes. 25% dos estudantes afirmaram “incomodar em grupo outros estudantes”, sendo que ocorre “quase sempre” para 2,5% dos participantes. Outras expressões de agressões ocorreram para o somatório total de menos de 20% dos participantes dos quais menos de 2% indicaram a frequência de “quase sempre”, “excluíram outros estudantes”, “iniciaram discussões e conflitos” “estimularam que outros estudantes brigassem”, “ajudaram a perseguir outros alunos” e “já inventaram fofocas sobre outros alunos”.

**Tabela 3.** Porcentagens por item da variável papel do agressor.

Itens	Nunca	Algumas vezes	Quase Sempre
	(%)	(%)	(%)
1 Iniciei discussões e conflitos.	80,6	17,5	1,9
2 Ajudei a perseguir outros estudantes.	85,5	12,5	1,9
3 Fui agressivo/a com outros estudantes em momentos que estava bravo/a.	59,8	33,3	6,9
4 Inventei fofoca sobre outros estudantes.	86,4	12,1	1,6
5 Estimulei que outros estudantes brigassem	82,4	15,7	1,9
6 Excluí outros estudantes	81,1	17,0	1,9
7 Incomodei e irritei outros estudantes apenas por diversão.	64,7	28,5	6,8
8 Incomodei, em grupo, outros estudantes.	75,0	22,5	2,5
9 Incomodei outros estudantes.	51,1	43,6	5,3

Fonte: Dados da pesquisa.

### 3.2 Descrições dos tipos de *bullying* (papel de vítima, violência física e papel de agressor)

A Tabela 4 apresenta as médias e os desvios-padrão dos diferentes tipos de *bullying* (papel de vítima, papel do agressor e violência física) e demais variáveis do estudo. Avaliando-se o resultado geral da escala de *bullying* no papel da vítima, verificou-se que os estudantes apresentaram uma média geral de 0,82 ( $DP = 0,85$ ), enquanto para a escala de *bullying* no papel do agressor tiveram uma média de 0,40 ( $DP = 0,47$ ) e a dimensão de prática de violência física que apresentaram a média de 0,38 ( $DP = 0,55$ ).

Como as respostas variaram de 0 a 4, em geral, os participantes avaliaram que o *bullying* não é uma violência que ocorre com muita frequência. Porém, o que se observa é o papel de vítima apresenta a média mais elevada, podendo indicar que os estudantes se percebem sendo vítimas da prática do *bullying*.

**Tabela 4.** Médias e desvios-padrão do bullying no papel de vítima, violência física e papel de agressor e demais variáveis do estudo.

<i>Variáveis</i>	<i>M</i>	<i>(DP)</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
<b>Bullying</b>				
Papel de Vítima	0,82	0,85	0	3
Violência Física	0,38	0,55	0	2,40
Papel de Agressor	0,40	0,47	0	2,22
<b>Características Sociodemográficas</b>				
Gênero	<i>N</i>	<i>(%)</i>		
Masculino	148	45,5	-	-
Feminino	177	54,2	-	-
Tipo de Escola				
Pública	271	83,4	-	-
Privada	54	16,6	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Como pode ser observado na Tabela 5, as Correlações de Pearson evidenciaram que as diferentes dimensões do *bullying* (papel do agressor, violência física e papel da vítima) relacionam-se positiva e significativamente. Tais resultados indicam que à medida que o nível de uma dimensão aumenta, os níveis das outras dimensões aumentam também.

**Tabela 5.** Correlações de Pearson entre as dimensões do bullying.

	1	2
1. Papel do Agressor	-	-
2. Violência Física	0,54**	-
3. Papel da Vítima	0,38**	0,38**

\*\*  $p < 0,01$ . Fonte: Dados da pesquisa.

### 3.3 Comparações entre grupos: Teste t

A comparação entre os diferentes grupos (quanto ao gênero, à idade e ao tipo de escola) foi analisada por meio do Teste t-Student. Os resultados demonstrados na Tabela 6 indicaram que, no que se refere ao gênero, os meninos mostraram-se estar mais no lugar de agressor, bem como realizam mais violência física. Entretanto, não houve diferença significativa associada ao papel de vítima. Tais resultados confirmam parcialmente a Hipótese 1, segundo a qual as meninas são mais vítimas das práticas de *bullying* do que os meninos.

**Tabela 6.** Análises das diferenças entre os diferentes gêneros.

<b>Variável</b>	<b>Gênero</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
Papel de Vítima	Masculino	0,77	0,78	-1,04	0,300
	Feminino	0,87	0,91		
Papel de Agressor	Masculino	<b>0,45</b>	0,50	2,00	0,046*
	Feminino	0,34	0,41		
Violência física	Masculino	<b>0,49</b>	0,62	3,43	0,001*
	Feminino	0,27	0,45		

\*  $p < 0,05$ ; Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados indicados na Tabela 7, demonstraram que, em relação aos tipos de escola (pública ou privada), existem diferenças significativas nos três fatores de prática de *bullying*, quais sejam: papel de vítima, papel de agressor e violência física, com maiores médias nas escolas públicas. Esses achados fornecem evidências empíricas para a confirmação da Hipótese 2, que

afirmava que existe uma maior prevalência de *bullying* em escolas públicas.

**Tabela 7.** Análises das diferenças entre os diferentes tipos de escola.

Variável	Tipo de Escola	M	DP	t	p
Papel de Vítima	Pública	<b>0,87</b>	0,87	2,26	0,025*
	Privada	0,58	0,73		
Papel de Agressor	Pública	<b>0,44</b>	0,49	3,21	0,001*
	Privada	0,21	0,31		
Violência física	Pública	<b>0,41</b>	0,58	2,20	0,029*
	Privada	0,22	0,35		

\* p < 0,05; Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, relativamente aos diferentes grupos etários, os achados obtidos evidenciaram que o único fator da prática de *bullying* que teve diferença significativa foi o papel do agressor, com a média dos mais velhos sendo significativamente mais alta. Tais resultados podem ser observados na Tabela 8 e confirmam a Hipótese 3, que esperava o aumento significativo da prática de *bullying* com alunos mais velhos.

**Tabela 8.** Análises das diferenças entre os diferentes grupos etários.

Variável	Grupo	M	DP	t	p
Papel de Vítima	Grupo I	0,69	0,81	-1,77	0,078
	Grupo II	<b>0,87</b>	0,87		
Papel de Agressor	Grupo I	0,31	0,40	-2,14	0,033*
	Grupo II	<b>0,44</b>	0,50		
Violência física	Grupo I	0,43	0,64	1,34	0,180
	Grupo II	0,34	0,49		

\* p < 0,05; Fonte: Dados da pesquisa.

#### 4. Discussão

Este estudo contribuiu para a compreensão da prevalência do *bullying* e suas diferentes expressões num cenário educacional de um município do Rio de Janeiro. Foram comparados os grupos de estudantes de ambos os gêneros, de diferentes idades e de escolas públicas e privadas. Inicialmente investigou-se a prevalência do *bullying* em expressões características do papel de vítima, papel de agressor e prática de violência física. Posteriormente, comparou-se grupos de meninos e meninas, de diferentes idades (grupo I: 9,10 e 11 anos; grupo II: 12, 13 e 14 anos) e tipos de escola.

No que tange à prevalência de expressões e papéis de *bullying*, chama atenção que mais da metade dos participantes já viveu experiências de vitimização alguma vez ou passou por essas experiências nocivas com frequência. Isso ocorre na sua forma psicológica, provocando irritabilidade e desconforto nas crianças e jovens. Conforme mencionado anteriormente e endossado pelos resultados de Olweus (2013) e de Thomas et al. (2017), o *bullying* se distingue de outras formas de violência em ambientes educativos por afetar especialmente as relações entre pares, podendo gerar consequências que afetam a saúde física e mental dos envolvidos.

Quanto às práticas de violência física, pouco menos da metade revelou que agride fisicamente quando é agredido, e a expressiva maioria relatou não praticar essa forma de violência. Já no que se refere ao papel de agressor, uma expressiva porcentagem de estudantes alegaram ter praticado *bullying* irritando seus pares, por vezes, apenas por diversão. Poucas vezes isso ocorreu em grupo, segundo as respostas dos participantes. A ocorrência de *bullying* individual ou em grupo evidencia a necessidade de intervenções que invistam na competência social dos escolares, por exemplo, com estratégias para a facilitação

de condutas pró-sociais (e.g., se importar com o bem-estar dos demais) em vista de uma convivência escolar saudável (Calbo et al., 2009).

Os resultados das análises comparativas entre os gêneros mostraram que os meninos estiveram mais frequentemente no lugar de agressor, bem como são eles os que mais praticam violência física em relação às meninas. Isso está em linha com os estudos de Baldry e Farrington (2017) cujos resultados evidenciaram que os meninos estavam com mais incidência (26%) no papel de agressores e com práticas de violências físicas do que as meninas (9%). Tais resultados confirmam parcialmente a primeira hipótese deste estudo, que previa que as meninas são mais vítimas da prática de *bullying* do que os meninos. Esses achados corroboram os estudos de Boulton e Underwood (1992), Bandeira e Hutz (2012) e Silva et al (2020). Tais pesquisadores apontam que os meninos praticam o *bullying* tanto com outros meninos como também com as meninas. As formas de agressões mais utilizadas pelos meninos são empurrões, chutes e socos, que neste estudo mostrou prevalência em situações de provocações que eliciariam as práticas agressivas. Ainda de acordo com os referidos autores, as meninas praticam o *bullying* mais em formas indiretas como fofocas e mentiras. Conforme mostrou o estudo de Silva et al. (2016), o *bullying* mais frequente é a verbal, sendo 92% feminino e 84% masculino.

Já os resultados referentes aos tipos de escola (pública ou privada), foram encontradas diferenças importantes neste estudo no que tange às três dimensões de *bullying*: papel de vítima, papel de agressor e prática de violência física. As maiores médias obtidas em prevalência de *bullying* nesta pesquisa foram encontradas em escolas públicas. Esse resultado contribui com evidências empíricas para a confirmação da segunda hipótese, que previa uma maior prevalência de *bullying* em escolas públicas. Os resultados desse estudo confirmam o que revelou a pesquisa de Alves (2016) acerca de diferenças nos índices de práticas de *bullying* em escolas públicas do que em escolas privadas. Foi demonstrado que há maior incidência de *bullying* em escolas públicas (65,6%) do que nas escolas privadas (35,3%). Tal fato pode dever-se aos poucos investimentos em relação aos recursos humanos e materiais nas escolas públicas (França & Gonçalves, 2010). Em consequência, sua ocorrência pode ser prejudicial para aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos e de toda a comunidade escolar. Embora esses resultados apontem que a problemática é mais expressiva no contexto de ensino público, não se exclui que no ensino privado os impactos sejam significativos, conforme demonstrou a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar- PeNSE (2019). Nesse sentido, mais estudos são necessários para investigar os condicionantes e consequências do *bullying* em escolas públicas e privadas. Com isso, pode-se avançar na discussão acerca das expressões de *bullying* no ambiente escolar e na compreensão da escola enquanto um lugar seguro e promotor de bem-estar para a convivência social (Brandão et al., 2020).

É fato que há muita complexidade na construção de um ambiente relacional afetuoso e acolhedor para o cotidiano escolar, o que não depende muitas vezes de recursos materiais. Renomados pesquisadores britânicos publicaram em 1979, os resultados de um criterioso estudo longitudinal que pesquisava os efeitos das experiências escolares, das características das escolas e dos professores no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Rutter et al., 1979). Os autores perguntavam-se quais fatores de organização e funcionamento dos ambientes escolares seriam relevantes na formação dos alunos. A partir desse estudo ficou demonstrado que não importam as condições físicas ou as modernidades dos prédios escolares, nem a baixa relação entre o número de alunos e professores. O que realmente ficou evidente foi a importância da escola como organização, suas normas e valores sociais.

No que se refere à faixa etária, os resultados encontrados neste estudo evidenciaram que existem diferenças significativas relacionadas à dimensão do papel de agressor, indicando que a média dos estudantes mais velhos é significativamente mais alta. Esses resultados confirmam parcialmente a terceira hipótese, que previa o aumento significativo da prática de *bullying* em todos os papéis (vítima, agressor e práticas de violência física) entre os alunos mais velhos. Corroboram-se assim os achados de Hymel e Swearer (2015), que evidenciaram que o *bullying* geralmente se manifesta com maior frequência entre as idades de 12-15 anos e pode diminuir ao longo dos anos. Da mesma forma, Cook et al. (2010) e

Menesini e Salmivalli (2017) identificaram que existe permanência do *bullying* no papel de agressor e no papel de vítima agressora, e que, ao longo do tempo, existe um crescimento considerável de comportamentos violentos de intimidação com o aumento da idade. A prática de *bullying* no papel de agressor é detectada nesse estudo entre o grupo de alunos mais velhos é preocupante, pois, pode-se pensar nas repercussões na vida do adolescente e do adulto como gerador de situações de violência relacional (Souza, 2019). Não resta dúvidas que a violência escolar é prejudicial e atinge várias camadas e segmentos de convivência da nossa sociedade. Mediante tal constatação irrefutável, a escola enquanto organização social e promotora de conhecimento, precisa assumir o seu papel de liderança também na promoção de conhecimento acerca de relações de bons-tratos e contribuir para ações de combate e prevenção dos múltiplos tipos de violência, incluindo o *bullying*.

## 5. Considerações Finais

Espera-se que os dados obtidos e discutidos possam auxiliar nas discussões acerca da criação de propostas de enfrentamento do *bullying* dentro das escolas. Algumas limitações precisam ser consideradas no presente estudo. Os resultados são específicos de uma amostra escolhida por conveniência, tendo a escolha sido motivada por serem escolas pertencentes a áreas de risco. Essa escolha teve o intuito de priorizar populações pouco representadas na literatura geral.

Ademais, os achados deste estudo são apenas de natureza quantitativa e seus resultados devem ser considerados como contextuais e provisórios. Deste modo, recomenda-se para estudos futuros o exame da relação entre as variáveis investigadas em estudos de medida quantitativa e longitudinal capazes de envolver maiores e diversas amostras. Reconhece-se ainda que o construto *bullying* em suas expressões de papel de vítima, papel de agressor e prática de violência física possuem múltiplas facetas que devem ser abordadas em outros estudos complementados por metodologias qualitativas que ouçam a voz das crianças. Apesar das limitações, este estudo amplia os resultados de investigações anteriores no campo das pesquisas a respeito da prevalência do *bullying* no contexto escolar.

Em conclusão, evidencia-se a necessidade de intervenções para prevenção de *bullying* que atendam às necessidades relacionais dos escolares (Fernandes, & Dell'Aglio, 2021). Especificamente, no que se refere às desigualdades de gênero, chama a atenção a vulnerabilidade das meninas que estão sendo mais vitimizadas. Considerando-se um panorama social onde a violência de gênero que expecta aos meninos comportamentos agressivos todo o cuidado é pouco. Em relação às especificidades desenvolvimentais deve-se atentar às diferentes idades nas ações de prevenção de *bullying*. Alerta-se ainda para ações preventivas nas escolas públicas e privadas sejam alinhadas aos desafios produzidos pela desigualdade social que impactam diferentemente a vida escolar. Estratégias coletivas que envolve a escola, família e a comunidade são as que se mostram mais eficientes no enfrentamento do *bullying* e é um caminho a ser trilhado...

## Referências

- Ahmed, M. Z., Ahmed, O., & Hiramoni, F. A. (2021). Prevalence and nature of bullying in Bangladeshi schools: a pilot study. *Heliyon*, 7(6), e07415. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e07415>.
- Almeida M., A. K., Assunção, I. L., Normando, L. V., Barbosa, L. M., Servín, B. T. N., de Carvalho Pascal, A. V. P., & Assunção, C. A. L. (2021). Covid-19 e o uso abusivo da internet: o cyberbullying é um fator de risco para o suicídio no Brasil? *Research, Society and Development*, 10(7), e51910716844-e51910716844. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16844>
- Alves, P. F. O. (2016). Fatores associados ao comportamento de bullying em escola pública e privada. Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Sorrentino, A. (2017). School bullying and cyberbullying among boys and girls: Roles and overlap. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(9), 937-951. doi.org/10.1080/10926771.2017.1330793.
- Bandeira, C. D. M., & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16, 35-44.
- Boulton, M. J., & Underwood, K. (1992). Bully/victim problems among middle school children. *British Journal Educational Psychology*, 62, 73-87.

- Brandão, W., Silva, C. O. D., Amorim, R. R. T. D., Aquino, J. M. D., Almeida, A. J. D., Gomes, B. D. M. R., & Monteiro, E. M. L. M. (2020). Formation of protagonist adolescents to prevent bullying in school contexts. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0418>.
- Calbo, S. C., Busnello, F. B., Rigoli, M. M., Schaefer, L. S., & Krintensen, C. H. (2009). *Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. Contextos Clínicos*, 2(2), 73-80.
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., Kim, T. E., & Sadek, S. (2010). Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: a meta-analytic investigation. *School psychology quarterly*, 25(2), 65. <https://doi.org/10.1037/a0020149>.
- Costa, P. J. F. D. S., & Pereira, B. O. (2010). O bullying na escola: A prevalência e o sucesso escolar. I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos. Braga: Universidade do Minho. ISBN- 978-972-8746-82
- Elbedour, S., Alqahtani, S., Rihan, IES, Bawalsah, JA, Booker-Ammah, B., & Turner Jr, JF (2020). Cyberbullying: Roles of school psychologists and school counselors in addressing a pervasive issue of social justice. *Revisão de serviços para crianças e jovens*, 109, 104720. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.104720>.
- Espino, E., Guarini, A., Menabò, L., & Del Rey, R. (2022). Why are some victims also bullies? The role of peer relationship management and anger regulation in traditional bullying. *Youth & Society*, 0044118X221077712. <https://doi.org/10.1177/0044118X221077712>.
- Fernandes, G (2021). *Delineamento, Implementação e avaliação de intervenção antibullying no contexto escolar*. [Tese de doutorado, Universidade La Salle- Unilasalle]. Biblioteca Universidade La Salle. <http://hdl.handle.net/11690/1765>.
- Fernandes, G., Yunes, M. A. M., & Dell'Aglio, D. D. (in press). Intervenções antibullying no contexto escolar: revisão integrativa. *Revista Interação em Psicologia*.
- Fernandes, G., Yunes, M. A. M., & Dell'Aglio, D. D. (no prelo). Intervenções antibullying no contexto escolar: revisão integrativa. *Revista Interação em Psicologia*.
- Fernandes, G., & Dell'Aglio, D. D. (2021). Intervenção antibullying no contexto escolar: estudo de viabilidade. *Research, Society and Development*, 10(8), e57910817626. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17626>
- França, M. T. A., & Gonçalves, F. D. O. (2010). Provisão pública e privada de educação fundamental: diferenças de qualidade medidas por meio de propensity score. *Economia Aplicada*, 14(4), 373-390.
- García-Fernández, C. M., Romera-Félix, E. M., Córdoba-Alcaide, F., & Ortega-Ruiz, R. (2018). Agresión y victimización: la percepción del alumnado y factores asociados. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 16(45), 367-365. doi: 10.25115/ejrep.v16i45.2098
- Hymel, S., & Swearer, S. M. (2015). Four decades of research on school bullying: an introduction. *American Psychologist*, 70(4), 293. <https://doi.org/10.1037/a0038928>.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Pesquisa Nacional de Saúde Escolar: bullying. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31575-pense-2019-uma-em-cada-cinco-escolares-sofreu-violencia-sexual>.
- Lahr, T. B. S., & Tognetta, L. R. P. (2021). *Proteção e bem-estar na escola: um emaranhado de nós para desatar em contextos pós-pandêmicos. Tópicos Educacionais*, 27(1), 62-78. <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2021.250506>.
- Loukas, A. (2007). What is school climate. *Leadership compass*, 5(1), 1-3. [https://www.naesp.org/sites/default/files/resources/2/Leadership\\_Compas/2007/LC2007v5n1a4.pdf](https://www.naesp.org/sites/default/files/resources/2/Leadership_Compas/2007/LC2007v5n1a4.pdf).
- Matos, V. J., da Silva, J. P., Santos, K. D., & Guimarães, V. M. (2020). Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. *Revista Educar Mais*, 4(3), 577-590. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.1904>
- McDougall, P., & Vaillancourt, T. (2015). Long-term adult outcomes of peer victimization in childhood and adolescence: Pathways to adjustment and maladjustment. *American Psychologist*, 70(4), 300-310. <https://doi.org/10.1037/a0039174>.
- Menesini, E., & Salmivalli, C. (2017). Bullying in schools: the state of knowledge and effective interventions. *Psychology, health & medicine*, 22(sup1), 240-253. doi.org/10.1080/13548506.2017.1279740.
- Moore, S. E., Norman, R. E., Suetani, S., Thomas, H. J., Sly, P. D., & Scott, J. G. (2017). Consequences of bullying victimization in childhood and adolescence: a systematic review and meta-analysis. *World Journal of Psychiatry*, 7(1), 60. <https://doi.org/10.5498/wjp.v7.i1.60>.
- Moreira, A. L., Sarriera, J. C., Martins, L. F., Bedin, L. M., Yunes, M. A. M., Perez, L. C., & Zibetti, M. R. (2022). Psychometric Properties of Children's Subjective Well-Being Scales: a Multigroup Study Investigating School Type, Gender, Age and Region of Children in the South and Southeast Regions of Brazil. *Child Indicators Research*, 1-23. <https://doi.org/10.1007/s12187-021-09909-x>.
- Morgado, J. C., Sousa, J., & Pacheco, J. A. (2020). Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. *Práxis Educativa (Brasil)*, 15, e2016197.
- Morgado, J. C., Sousa, J., & Pacheco, J. A. (2020). Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. *Práxis Educativa (Brasil)*, 15, e2016197. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16197.062>.
- Ngo, A. T., Nguyen, L. H., Dang, A. K., Hoang, M. T., Nguyen, T. H. T., Vu, G. T., & Ho, C. S. (2021). Bullying experience in urban adolescents: prevalence and correlations with health-related quality of life and psychological problems. *PLoS um*, 16 (6), e0252459. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0252459>.
- Oliveira, V. H. N. (2020). "O antes, o agora e o depois": alguns desafios para a educação básica frente à pandemia de covid-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 3(9), 19-25. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3984220%20%20>.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford USA: Blackwell Publishing.

Olweus, D. (2013). School Bullying: Development and Some Important Challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751–780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>.

Pepler, D. & Bierman, K. (2018). With a little help from my friend: importance of peer relationships for social-emotional development. Robert Wood Johnson Foundation Learning Summaries, Pennsylvania State University. <https://www.rwjf.org/en/library/research/2018/11/with-a-little-help-from-my-friends-a-importancia-dos-relacionamentos-pares-para-desenvolvimento-social-emocional.html>.

Phelps, C., & Sperry, L. L. (2020). Children and the COVID-19 pandemic. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice and Policy*, 12 (S1), S73-S75. <https://doi.org/10.1037/tra0000861>.

Rivers, I., & Smith, P. K. (1994). Types of bullying behaviour and their correlates. *Aggressive Behavior*, 20(5), 359-368.

Rutter, M., Maughan, B., Mortimer, P., & Ousten, J. (1979). *Fifteen-Thousand Hours: Secondary Schools and Their Effects on Children*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Schwartz, D., Gorman, A.H, Nakamoto, J., & Toblin R.L (2005). Peer group victimization and children's academic functioning. *Journal of Education Psychology*, 97 (3), 425-435. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.97.3.425>.

Ševčiková, A., & Šmahel, D. (2015). Online harassment and cyberbullying in the Czech Republic. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*. <https://doi.org/10.1027/0044-3409.217.4.227>.

Shahrouh, G., Dardas, L. A., Al-Khayat, A., & Al-Qasem, A. (2020). Prevalence, correlates, and experiences of school bullying among adolescents: A national study in Jordan. *School Psychology International*, 41(5), 430-453. [doi.org/10.1177/0143034320943923](https://doi.org/10.1177/0143034320943923).

Shujja, S., Atta, M., & Shujjat, J. M. (2014). Prevalence of bullying and victimization among sixth graders with reference to gender, socio-economic status and type of schools. *Journal of Social Sciences*, 38(2), 159-165. <https://doi.org/10.1080/09718923.2014.11893246>

Silva, F., Dascanio, D., & Valle, T. G. M. do. (2016). O fenômeno bullying: diferenças entre meninos e meninas. *Reflexão E Ação*, 24(1), 26-46. <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7014>.

Silva, G. R. R, Lima, M. L. C. D, Acioli, R. M. L, & Barreira, A. K. (2020). Prevalência e fatores associados ao bullying: diferenças entre os papéis de agressores e vítimas de bullying. *Jornal de pediatria*, 96, 693-701.

Souza, L.C. (2019). Quando o bullying na escola afeta a vida adulta. *Revista: Associação Brasileira de Psicopedagogia*, 36(110), 153-162. ISSN 2779-4057.

Smith, P. K., Slonje, R. (2010). Cyberbullying: nature and extent of a new kind of bullying, inside and outside school. In: Jimerson SR, Swearer S e Espelage DL (eds) *Handbook of School Bullying: An International Perspective*. Nova York e Londres: Routledge, 249-262.

Thomas, H. J., Connor, J. P., Lawrence, D. M., Hafekost, J. M., Zubrick, S. R., & Scott, J. G. (2017). Prevalence and correlates of bullying victimisation and perpetration in a nationally representative sample of Australian youth. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 51(9), 909–920. <https://doi.org/10.1177/0004867417707819>.

UNICEF. (2019). Relatório anual para cada criança. <https://www.unicef.org/relatórios/relatório-anual-2019>.

Vaillancourt, T., Brittain, H., Krygsman, A., Farrell, A. H., Landon, S., & Pepler, D. (2021). School bullying before and during COVID-19: Results from a population-based randomized design. *Aggressive Behavior*, ab.21986. <https://doi.org/10.1002/ab.21986>.

Varela, J. J., Guzmán, J., Alfaro, J., & Reyes, F. (2019). Bullying, cyberbullying, student life satisfaction and the community of Chilean adolescents. *Applied Research in Quality of Life*, 14(3), 705-720. <https://doi.org/10.1007/s11482-018-9610-7>.

Vivolo-Kantor, A. M., Martell, B. N., Holland, K. M., & Westby, R. (2014). A systematic review and content analysis of bullying and cyber-bullying measurement strategies. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 423-434. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.06.008>.

Ybarra, M. L., Espelage, D. L., & Mitchell, K. J. (2014). Differentiating youth who are bullied from other victims of peer-aggression: The importance of differential power and repetition. *Journal of Adolescent Health*, 55(2), 293-300. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.02.009>.